

CONFERÊNCIA NATUREZA E SOCIEDADE
LPN, FC Gulbenkian, 4 Dezembro 2008

A Perspectiva do ICNB.
Que estratégias para a conservação da natureza
Tito Rosa

Muito boa tarde a todos.

Agradeço à Liga o facto de ter convidado o ICNB e o seu Presidente para esta Conferência e para debater o tema Natureza e Sociedade num contexto não apenas de balanço mas, sobretudo, o que me parece mais ajustado, de perspectiva. Vale a pena pensarmos o que fizemos, necessário é reflectir sobre a trajectória que tivemos, importante mesmo é equacionar e preparar o que ainda temos de fazer e o longo caminho que devemos percorrer.

Não sou, como calculam, a pessoa mais indicada para poder registar aqui um balanço dos últimos 60 anos de conservação da natureza que não seja com base em documentos ou registos que todos, de uma ou outra forma conhecem. Gosto mais de falar da minha própria experiência e da forma como a vivi, dos erros de cometi, do que gostaria de ter feito e não fiz. Mas, em matéria de conservação da natureza, o meu percurso é ainda muito curto.

Não tão curto porém que conjugado com a minha sensibilidade, formação de agrónomo e percurso profissional na área da agricultura, actividade de fortíssima relação com os valores naturais e de elevadíssima importância quando pensamos em gestão da conservação da natureza, não tenha a percepção que o percurso dos últimos anos se saldou, pese embora as componentes de perda de biodiversidade que nos assaltam em relatórios e estudos, nos desconfortam e nos responsabilizam, por um resultado globalmente satisfatório.

É esta atitude optimista que não conformista, muito menos imobilizadora, que, em minha opinião, se pode ter quando chego ao ICNB e constato o caminho percorrido que possibilitou ter hoje uma área de protecção legal que atinge cerca de 20 % do seu território, dos quais quase 700 000 hectares incluídos na Rede Nacional de Áreas Protegidas, importantes instrumentos de planeamento e ordenamento (relembro o fecho recente do Plano Sectorial da Rede Natura e o terminus de quase todos os Planos de Ordenamento das Áreas Protegidas), bem como o acréscimo, com episódios recentes, de zonas de protecção especial da avifauna e, sobretudo, a maior conquista que se traduz na sensibilidade crescente, escassa ainda é certo, para se ter em conta o factor conservação da natureza no planeamento, investimento e gestão das actividades económicas produtivas.

Certeza temos todos que o mapa da conservação da natureza em 2008 é bem diferente, para muito melhor do que era há bem poucos anos. Não chega, seguros, mas tem as bases de crescimento para atingirmos os objectivos de

desenvolvimento sustentável por que pugnamos convictos que somos que dele dependem umas largas gerações para habitarem o nosso planeta.

A extensa área de Rede Natura, de Áreas Protegidas, de Sítios e Zonas Classificadas, as regras de ordenamento e gestão que lhes estão adstritas, os instrumentos como o Plano Sectorial da Rede Natura, o Regime Jurídico de Conservação da Natureza, os Relatórios sobre o estado dos habitats, as iniciativas de promoção da aproximação das empresas às suas responsabilidades nesta área, não sendo, de forma alguma, pontos de chegada, são bases de partida muito importantes e preciosas para o longo caminho que percorrer.

Cabe aqui então a perspectiva que temos para conservação e gerir conservação da natureza no próximo futuro e qual o papel que achamos dever estar reservado a uma Instituição como o ICNB com larga história em diferentes formas organizativas, nem sempre coerente, muitas vezes também menos eficiente, mas a quem ninguém pode retirar o importante papel que teve na construção do que até aqui já fizemos.

Estou neste cargo há pouco mais de seis meses mas lembro-me do que afirmei no dia que tomei posse, curiosamente o mesmo dia em que a LPN mostrou a sua reserva à minha nomeação. Lembro-me de ter afirmado que me empenharia firmemente para tornar o ICNB uma organização competitiva. Competitividade, palavra diabólica se a associarmos a mecanismos de concorrência e exploração de recursos sem preocupações de sustentabilidade, coisa que de resto cada vez tem menos espaço para acontecer, ou não fosse o ambiente já hoje um factor de competitividade, mas, retomando, palavra essencial quando a perspectivamos no contexto da área em que desenvolvemos a nossa actividade e num quadro de prestação de serviço público.

Tornar o ICNB uma organização competitiva é, no nosso entender, um objectivo que só pode servir a conservação da natureza e potenciar situações de acréscimo significativo de recursos técnicos, de mobilização, de disciplina e fomento da responsabilização, de níveis de financiamento mais adequados, sem desperdícios ou atitudes de “mais olhos do que barriga”.

Um ICNB competitivo, significa, desde logo na gestão do seu *core business*, da sua actividade: a gestão da conservação da natureza e da biodiversidade. Para tanto recuperando e fomentando o saber, o conhecimento, o trabalho de pesquisa, numa afirmação progressiva de autoridade técnica e independente, que o sector reconheça e aceite e nela se referencie nas suas próprias acções de intervenção; ser autoridade pelo que sabe, autoridade pelo que consegue dinamizar, autoridade pelo respeito e liderança, autoridade pela humildade da partilha, e não a autoridade que proíbe, autoridade que não ouve, autoridade que não coopera, autoridade que não explica, autoridade que recebe.

Um ICNB competitivo significa que adoptou uma gestão de métodos de organização, uma gestão de recursos humanos, com atenção à sua valorização, uma gestão de recursos orçamentais e financeiros que optimize,

que multiplique, uma gestão mais activa. Talvez se dê ou tenha dado no sector pouca importância a estas matérias, talvez se discuta mais o muito ou pouco sem cuidar de saber aonde e como, como se os recursos não tivessem um preço e como se não devessem ser utilizados com eficácia e não em quantidade e em descontrolo. Talvez que se compreenda que uma organização com as responsabilidades do ICNB no contexto da conservação da natureza onde a fatia de leão do investimento ainda é público, não deva ter apenas biólogos, arquitectos paisagistas, agrónomos, professores e outras especialidades semelhantes e também seja adequado que tenha gestores que proporcionem aos primeiros melhores condições de optimização do seu trabalho, forma de melhor serviço prestarem à comunidade dos agentes de conservação da natureza.

Um ICNB competitivo significa também ter a capacidade de atrair todos os actores do desenvolvimento sustentável fomentando a cooperação e a parceria na concretização de projectos e iniciativas que contribuam para , olhando para a feliz multitude de organizações e instituições como extensões de potencialidades para cumprir a sua missão. Nesta rota de cooperação, agregação de esforços, parceria de actuação devemos concentrar os nossos esforços.

Um ICNB competitivo significa adoptar uma atitude de clara compreensão que os saltos mais qualitativos e quantitativos que se irão dar na gestão e preservação de habitats e de espécies e na conservação de paisagens ímpares e patrimonialmente de valor não calculável e sensibilidade vulnerável, só serão efectivos quando se conseguir mobilizar esse autêntico exercito adormecido que, no futuro, garantirá que a conservação da natureza e da biodiversidade fará, de forma natural, parte da atitude de todos nós perante a vida. Refiro-me, aos cidadãos, aos nossos jovens, à nossa população, refiro-me também à economia e à incorporação da biodiversidade como factor de valorização económica da produção e dos serviços.

Se notarem foi igualmente assim que se ganhou grande parte da batalha de outros factores da sustentabilidade ambiental. Estou seguro que também a biodiversidade e a conservação da natureza por esse caminho passarão.

Quando perspectivamos uma estratégia para a conservação da natureza temos que colocar como necessários não apenas já instrumentos, planos ou programas mas formas de gestão o que significa meios, dinheiro é certo, mas, sobretudo, ideias, inovação, inteligência, capacidade organizativa, recursos qualificados e cada vez mais precocemente preparados, informação sem preconceitos.

Como agente importantíssimo na aplicação de uma estratégia para a conservação da natureza a nossa Instituição pública de referência é vital que assuma os desafios, que em meu entender de forma mais significativa se vão colocar. Indico:

- 1) Aumentar o investimento em conservação da natureza, diferenciando as origens e com forte componente de investimento privado. Por compensações, por responsabilidade social, por voluntarismos ou por

necessidade de negócio numa óptica de mercado. Está o ICNB a reflectir para em breve lançar propostas em matéria de financiamento da conservação da natureza que permita, com sustentação, estabilidade e normalidade, sem os riscos associados á natureza sempre errática e instável das políticas ou das contingências de disponibilidades de fundos públicos, assegurar a injeção de mais recursos financeiros na actividade. Queremos fazê-lo diferente dos modelos tradicionais de gavetas orçamentais que de forma directa ou indirecta sirvam para somar a outros orçamentos de funcionamento de despesas correntes e saldarem-se por eficácia diminuta. E cabe o parêntesis que em matéria de ineficiência a exclusividade não fica pela administração pública. Tenho larga experiência de financiamentos a entidades públicas, privadas e associativas para saber o quanto todas tem a sua quota parte neste *pecado*. Queremos que a utilização desses fundos fique sujeita à programação coerente e com maior factor multiplicador de resultados na conservação, que seja gerida de forma transparente e universal, que seja auditada de forma independente e pública.

- 2) Nesta linha de rumo insere-se também a solidificação na aposta que o ICNB iniciou em 2007, com sucesso, de acordar com a comunidade empresarial formas de compromisso destas em práticas e apoios a acções de conservação da natureza. Referimo-nos aos entendimentos *Business and biodiversity* que já estabelecemos com 45 empresas de todos os sectores da actividade económica e que queremos alargar a muitas outras, também num segmento que me é conhecido e que reputo de muito importante que é o das empresas agrícolas e agro alimentares. De facto estas podem desempenhar um importante papel de promoção de uma atitude nas empresas e de um compromisso com a Natureza, designadamente ao nível dos seus fornecedores que são, como sabem, os agricultores. Mas queremos mais que responsabilidade social ou simbolismos, queremos investimento, gestão e compromisso com resultados.
- 3) Aumentar a participação dos agentes económicos e da sociedade civil em geral na gestão e preservação dos valores naturais. Os agentes económicos, em particular os agricultores, primeira linha de interacção com a natureza numa óptica de sustentabilidade, primeiros actores que em regiões desfavorecidas implementarão medidas de conservação integradas com medidas de gestão das suas próprias unidades económicas. O pagamento de um serviço de gestão dos ecossistemas não pode ter uma contraprestação de subsídio mas um contravalor que, no *mix* dos que derivam da venda de outros produtos e serviços torne equilibrado, digno e estável o modo de vida. Se, para tanto, é necessário por vezes perder 10 para ganhar 20, em termos de valores, então que o façamos para salvaguardar que, mais tardar percamos tudo o resto, por ausência de actores ou pela sua resistência incompreendida .
- 4) Fomentar o aumento substancial do contacto dos portugueses com a natureza, numa óptica, passo a figura, de “trazer a natureza à cidade”; primeiro por acções simples de educação ambiental, depois por

iniciativas de comunicação bem posicionadas, por fim levá-lo a usufruir dos valores naturais e a contribuir sem incómodo para a sua preservação. Impregnar na consciência de cada um e desde logo os mais novos, estes valores é levantar sérias dificuldades aos que continuam num registo que o desenvolvimento pode ser feito a qualquer preço. O projecto que temos e que desenvolveremos de Escola na Natureza é um instrumento importante desta estratégia assim como não é menos importante o reajustamento e o reapetrechamento, sobretudo em meios imateriais mas também de acomodação, que o nosso plano de investimentos, que já atinge cerca de 16 milhões de euros, irá produzir nas áreas protegidas proporcionando atracção de visitação.

- 5) Desenvolver sistemas de informação sobre conservação da natureza e biodiversidade que de forma referencial e isenta contribuam para uma mais eficaz gestão, de todos os agentes intervenientes, através da produção e disponibilização regular de indicadores e de outros conteúdos imprescindíveis. O reinvestimento que estamos a fazer no Sistema de Informação do Património Natural e a candidatura que fizemos para o lançamento de um trabalho de fundo para a produção de cartografia de habitats naturais é absolutamente estruturante e essencial à estratégia de gestão da biodiversidade. Também nos envolveremos progressivamente, retomando uma prática que anteriores gerações do ICNB já tiveram de produção de obras de referência. Todavia, não pensem que nos remeteremos para nós próprios. Pensamos que o devemos fazer criando uma rede de produtores de informação abrangendo todos aqueles, organizações, universidades, outras instituições, que possam contribuir com valia para o sistema de informação.
- 6) Incentivar, de forma responsável e não, se me permitem, por atitudes de escutismo e de apenas boas vontades, parcerias com empresas, organizações, instituições, desenvolvendo projectos comuns, com níveis de gestão e responsabilização equiparados, com avaliação permanente, com visibilidade de resultados, com transparência de métodos. O Plano de Acção do Lince Ibérico e a sua forma de gestão é um dos exemplos em que queremos demonstrar essa possibilidade e os seus efeitos positivos para a tarefa geracional de conservação da natureza.
- 7) Incrementar o equilíbrio das soluções em dialogo com os intervenientes numa saudável visão onde nem o desmazelo nem o exagero são boas atitudes, sabendo que o homem vive da natureza, pode utilizá-la mas também a pode gerir e até construir proporcionando melhores condições de habitabilidade; compreendendo que numa economia com as características que conhecemos é importante ganhar os agentes que produzem e geram riqueza material que todos gostamos de utilizar, para investirem e valorizarem o factor natura, criando a diferenciação que é tão cara à economia de mercado.

O tempo não é muito, as tarefas são elevadas, as responsabilidades acompanham-nas, as dificuldades de “trazer por casa” e sem relevância muitas

vezes atrapalham-nos, mas a motivação não nos abandona e será tanto maior quanto sentirmos que “agarramos” o futuro deixando trabalho feito e melhor feito para os descendentes e sucessores.

Sendo agrónomo, característica que me permite uma sensibilidade quase emocional, mas com um percurso profissional de servidor público muito associado à gestão administrativa, técnica e financeira, só vos posso assegurar que nesta minha missão, dure o tempo que durar, apenas perspectivo poder ter tido a oportunidade de não interromper, antes se possível contribuir, para que a trajectória positiva dos últimos anos, pese embora não ser linear mas ter sido sempre tendencial, se mantenha não por ser moda, politicamente correcta, forma de vida ou negócio mas porque é absolutamente necessária. O ICNB adoptará também esta atitude.

Muito obrigado pela atenção e parabéns à Liga pelos seus 60 anos de profícua actividade.